

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v14.n32.09>

A nação pró-tratamento precoce: cenas de enunciação e a constituição do discurso

The nation for early treatment: scenes of enunciation and the constitution of the discourse

Patrícia de Oliveira Fonseca*

Lucas Martins Gama Khalil**

Resumo: Este artigo objetiva analisar o pronunciamento da Dr.^a Raissa Oliveira Azevedo de Melo Soares, proferido no *Encontro Brasil Vencendo a Covid-19*, em busca de compreender como se constitui o discurso em defesa do tratamento precoce. A base teórica fundamenta-se em conceitos desenvolvidos por Dominique Maingueneau no âmbito da Análise do Discurso. Metodologicamente, parte-se do que o teórico denomina semântica global, noção que abarca diversos planos – como vocabulário e modo de enunciação – passíveis de serem analisados na delimitação de um posicionamento discursivo. Outro conceito fundamental ao artigo é o de cenas de enunciação, tendo em vista a hipótese de que a cenografia do pronunciamento em questão institui-se por meio de características próximas às cenas de fala de um sermão e de um testemunho.

Palavras-chave: Tratamento precoce. Covid-19. Discurso. Cenas de enunciação.

Abstract: This article aims to analyze the address by Dr. Raissa Oliveira Azevedo de Melo Soares, at the *Brazil Beating Covid-19 Conference*, seeking to understand how the discourse in defense of early treatment is constituted. The theoretical framework is based on concepts developed by Dominique Maingueneau within the scope of Discourse Analysis. Methodologically, it starts from what the theorist calls global semantics, a notion that encompasses several plans – such as vocabulary and mode of enunciation – that can be analyzed in the delimitation of a discursive position. Another fundamental concept to the article is that of scenes of enunciation, considering the hypothesis that the scenography of the address in question is established through characteristics similar to the speech scenes of a sermon and a testimony.

Keywords: Early treatment. Covid-19. Discourse. Scenes of Enunciation.

* Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

** Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Introdução

Durante a pandemia da Covid-19, ainda em curso, a suposta eficácia do chamado “tratamento precoce” para essa doença tem sido uma das bandeiras levantadas pelo atual presidente do Brasil, repercutindo no discurso de seus apoiadores. Diante desse cenário, o presente artigo propõe uma análise acerca do pronunciamento da Dr.^a Raissa Oliveira Azevedo de Melo Soares, proferido no Palácio do Planalto no evento *Encontro Brasil Vencendo a Covid-19*, em 24 de agosto de 2020. A escolha de um discurso em defesa do tratamento precoce como objeto de análise se justifica pela necessidade de se compreender como são constituídos os sentidos no interior desse posicionamento, tendo em vista a adesão a esse discurso por parte considerável da sociedade brasileira, mesmo diante de segundas evidências científicas que invalidam a tese do tratamento precoce.³ Na análise, buscou-se apontar o funcionamento de alguns planos da “semântica global” postulada por Dominique Maingueneau (2008) – em especial o vocabulário e o modo de enunciação, este último na relação com o *ethos* discursivo –, bem como a constituição das cenas de enunciação (MAINGUENEAU, 2011; 2015), considerando-se a hipótese de que a cenografia instituída aproxima-se de características de uma enunciação vinculada à cena englobante religiosa, a partir de gêneros como o testemunho e o sermão.

A Análise do Discurso,⁴ quadro teórico no qual se inscrevem os trabalhos de Dominique Maingueneau, busca compreender como são constituídos os sentidos no interior de um discurso, processo que

³ Como explicam, por exemplo, Furlan e Caramelli (2021) no artigo “The regrettable story of the ‘Covid kit’ and ‘early treatment of Covid-19’ in Brazil”.

⁴ Trata-se de uma teoria iniciada por Michel Pêcheux, na França, na segunda metade da década de 1960. Atualmente, são várias as correntes que se identificam como “Análise do Discurso”, e os estudos de Maingueneau, diante dessa heterogeneidade, distinguem-se, dentre outros fatores, pela proposição de conceitos – tais como *ethos* discursivo, dêixis e cenografia – que estabelecem forte diálogo entre a questão do discurso e aspectos de ordem enunciativa.

é concebido a partir da relação indissociável entre a materialidade linguística e os posicionamentos a partir dos quais o sujeito enuncia. Embora a Análise do Discurso seja cada vez mais um campo heterogêneo de pesquisas, pode-se afirmar que o cerne do que comumente se denomina Análise do Discurso “de linha francesa” esteja na assunção de que o sujeito sempre enuncia a partir de dado posicionamento, que se consolida por meio do que se diz e do modo como se diz. Neste sentido, essas formas de dizer relacionam-se a outros dizeres historicamente localizáveis, produzindo assim uma regularidade discursiva na qual é possível identificar ou inscrever o sujeito.

O analista de discurso, para compreender a produção de sentidos, não apenas descreve as regularidades (linguísticas, por exemplo) dos enunciados que compõem um *corpus*, mas as relaciona com determinadas condições de produção que possibilitam a emergência desse discurso. Por que tal enunciado foi produzido de uma forma e não de outra? Por que estas “escolhas” podem ter sido feitas? A análise considera o que foi efetivamente dito, mas é fundamental que se pressuponha uma falta constitutiva, o dizer que foi necessário rejeitar para que o discurso adquira sua legitimidade.

Dominique Maingueneau, em sua obra *Gênese dos discursos* ([1984] 2008), parte de sete hipóteses relativas ao funcionamento discursivo, e cada uma delas corresponde a um capítulo do livro: “O Primado do interdiscurso”; “Uma competência discursiva”; “Uma semântica global”; “A polêmica como interincompreensão”; “Do discurso à prática discursiva”; “Uma prática intersemiótica”; “Um esquema de correspondência”. Define-se, com esse percurso, uma abordagem teórico-metodológica que se desdobra, inclusive, em outras obras do autor. A teorização sobre o *ethos* discursivo, por exemplo, realizada pelo autor posteriormente, encontra subsídios na

discussão concernente ao “modo de enunciação” que ele realiza no terceiro capítulo de *Gênese dos discursos*.

Conforme Sírio Possenti, tradutor da obra para o português, Maingueneau aborda os discursos propondo uma:

[...] outra maneira de fazer análise do discurso, na medida em que é menos “linguística”, menos “gramatical”, até porque está mais na esteira de Foucault – embora reprove seu pouco caso com a superfície linguística – do que na de Althusser, e, conseqüentemente, por assim dizer, de Lacan. No entanto, sua proposta de que um discurso se caracteriza por uma semântica global o leva a considerar o enunciado (não o que pode ser parafraseado, que é quase sempre uma sentença/oração, mas o próprio texto) muito mais de perto do que o fazem outros analistas do discurso. É assim que demonstra, por exemplo, que os próprios gêneros textuais e suas formas de coesão são “determinados” pela semântica de uma formação discursiva. (POSSENTI, 2008, p. 8)

Para o propósito deste artigo, destaca-se a hipótese da semântica global, segundo a qual a identidade de um posicionamento – concebido pelo teórico como uma formação discursiva no interior de determinado campo discursivo (religioso, político, filosófico etc.) – pode ser descrita pelo analista por meio da recorrência a variados “planos discursivos”. Maingueneau, buscando compreender o discurso de forma cada vez mais ampla, define a hipótese da semântica global como um dispositivo de integração entre os diversos planos de um discurso, inicialmente delimitados da seguinte forma: (i) a intertextualidade; (ii) o vocabulário; (iii) os temas; (iv) o estatuto do enunciador e do coenunciador; (v) a dêixis enunciativa; (vi) o modo de enunciação; (vii) o modo de coesão. Essa integração não diz respeito a uma mera soma de materialidades possíveis, mas ao pressuposto de que todos esses planos funcionariam, em dado posicionamento, a partir das mesmas coerções (algo que, no decorrer da obra, o teórico ilustra a partir de referências a duas formações discursivas do campo devoto francês do século XVII, o humanismo devoto e o jansenismo).

É importante ressaltar, também, que a ordem dos planos, no parágrafo anterior, é arbitrária, sendo que outros planos poderiam ser adicionados à listagem, devido às especificidades dos objetos a serem analisados, conforme sugere o próprio autor:

A própria lista desses planos considerados não é objeto de uma elaboração teórica suficiente para pretender definir um modelo da textualidade. Sua única finalidade é ilustrar a variedade das dimensões abarcadas pela perspectiva de uma semântica global, e nada impede de isolar outras ou de repartir diferentemente as divisões propostas. (MAINGUENEAU, 2008, p. 77)

A hipótese da semântica global é uma maneira de escapar ao que o teórico chama de “monopólio das análises lexicológicas” (MAINGUENEAU, 2008, p. 75); em outras palavras, a identidade de um posicionamento vai muito além da seleção vocabular, ainda que esse também seja um elemento importante. Se a semântica de um discurso funda-se na reivindicação da “moderação”, por exemplo – como é o caso do discurso humanista devoto analisado por Maingueneau –, isso produz efeitos não apenas no vocabulário que se torna recorrente nesse discurso, mas também em certo tom que caracteriza a fala dos enunciadores. Conforme o teórico, “um discurso não é somente determinado conteúdo associado a uma dêixis e a um estatuto de enunciador e de destinatário, é também uma ‘maneira de dizer’ específica, a que nós chamaremos um modo de enunciação” (MAINGUENEAU, 2008, p. 87).

Além desta introdução, que apresenta brevemente a abordagem metodológica que fundamenta o artigo, as duas seções seguintes seguem discorrendo sobre aspectos da semântica global; no entanto, isso se dará, a partir de agora, em um revezamento com os movimentos de análise, trazendo-se à tona elementos que constituem o discurso da Dr.^a Raissa Soares em seu pronunciamento. Na primeira dessas duas seções de análise, o foco será a insistência na palavra “nação” e como

determinados sentidos podem ser produzidos a partir dela no interior desse discurso. Já na segunda seção, que precede as considerações finais, analisar-se-á a constituição da cena de enunciação e de um *ethos* discursivo para a enunciadora, associados a outro plano da semântica global, o modo de enunciação.

A “nação” como signo de pertencimento

Na cerimônia realizada no *Encontro Brasil Vencendo a Covid-19*, transmitida pela TV Brasil,⁵ discursaram alguns políticos – dentre eles, o próprio Presidente da República – e médicos adeptos do “tratamento precoce”. Conforme o pronunciamento da Dr.^a Raissa Soares, que antecedeu as falas do Secretário Executivo do Ministério da Saúde e do Presidente (portanto, em um lugar de destaque no evento), ela estava ali como representante de dez mil colegas médicos que se mobilizaram através das redes sociais. No evento havia vinte e sete representantes, um de cada estado do país; eles entregaram ao presidente Jair Messias Bolsonaro uma carta que continha o que seria “uma solução para combater a Covid-19 com mais eficácia”. A resposta estaria no tratamento precoce, uma combinação de medicamentos já usados para o tratamento de outras doenças, cuja prescrição desde os primeiros sintomas evitaria, segundo esses médicos, o agravamento da infecção pelo novo coronavírus, muito embora, como ressaltam Ferreira e Andricopulo (2020), importantes associações médicas e a Organização Mundial da Saúde (OMS) já tenham declarado que não existe nenhum tratamento precoce, comprovado e seguro, para o vírus da Covid-19.

No decorrer do pronunciamento da Dr.^a Raissa Soares, transcrito no anexo deste artigo, é possível destacar alguns termos que se

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NSVJ8BzkiTU>. Acesso em: 11 dez. 2021.

repetem muitas vezes, como é o caso do substantivo “nação” e do pronome “nós”. A palavra “nação” se repetiu com bastante regularidade, precisamente, dez vezes em uma fala de pouco mais de seis minutos. A menção a palavras que poderiam substituí-la é bem mais escassa; por exemplo, “Brasil” só ocorre indiretamente, no interior da expressão “povo brasileiro”, usada como vocativo apenas uma vez. Já a palavra “país”, outra possível substituta, não ocorre nenhuma vez, o que demonstra a preponderância do uso de “nação” no discurso em análise.

O pronome pessoal “nós” foi repetido 29 vezes ao longo da fala da doutora, além de oito ocorrências de formas possessivas, como “nosso” e “nossa”. Longe de constituir uma referência estabilizada (meramente constatando-se que a doutora enuncia unindo-se a outros médicos e, em alguns casos, aos brasileiros em geral), o que entra em cena é a própria relação discursiva que esse “nós” estabelece com dada representação de coletividade, definidora de uma unidade que também pressupõe o “eles”, afinal, o “nós” que se associa à classe médica restringe-se àqueles médicos que “ousam” (verbo que aparece cinco vezes), suscitando uma suposta passividade dos demais. Por extensão, clamar à nação para se unir, também sob o respaldo de um “nós”, funda-se novamente em uma unidade aparente, na medida em que fazer parte da “nação” não é meramente uma questão de residência empírica, mas de adesão a um “ato profético” (expressão usada pela médica), que também demandaria ousadia.

Observando essas regularidades e associando-as à teoria da análise do discurso, cabe analisar os efeitos de sentido produzidos pela repetição destes termos. Conforme Maingueneau (2008), o vocabulário, concebido como plano discursivo da semântica global, não se refere ao léxico que seria específico de um posicionamento determinado, encontrando melhor definição a partir das “[...] explorações semânticas contraditórias das mesmas unidades lexicais pelos diversos discursos”

(MAINGUENEAU, 2008, p. 80). O que se designa como plano vocabular, então, não recobre o significado que a palavra tem em sua suposta imanência, mas como efeito possibilitado pelo funcionamento em dado discurso. Tendo em vista que “a palavra em si mesma não constitui uma unidade de análise pertinente” (MAINGUENEAU, 2008, p. 80), o percurso proposto considera os sentidos que “nação” e “nós” podem assumir no interior desse posicionamento e o modo como isso configura uma regularidade pertinente.

Sob a perspectiva teórica à qual este trabalho se filia, não se pressupõe que os enunciadores busquem, de maneira deliberada, palavras específicas que identifiquem o seu posicionamento no ato da enunciação. Assume-se que tais “escolhas” funcionam como efeito da própria semântica do discurso: “Além de seu estrito valor semântico, unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento. Entre vários termos *a priori* equivalentes, os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo” (MAINGUENEAU, 2008, p. 81). Conforme explica o autor, certos “pontos de cristalização semântica” (MAINGUENEAU, 2008, p. 80) vinculados ao vocabulário possibilitam compreender, em conjunção com outros planos da semântica global, como um posicionamento se delimita em relação a outro do mesmo campo.

A seguir, estão os fragmentos do pronunciamento da Dr.^a Raissa Soares nos quais a palavra “nação” aparece:

1. “Pessoal, a mim foi atribuída a função de dizer algo que sai daqui de dentro para dizer para vocês, para dizer para **a nação**.”
2. “Eu reconheço aqui e falo por cada um que gostaria de compartilhar com a **nação**, com as nossas autoridades o que que nós vivemos há quase seis meses, com risco de contaminar as nossas famílias, com risco da nossa própria vida.”

3. “Eu me fiz enxergar naquele vídeo sem nenhuma intenção, mas eu descobri que esse movimento que hoje eu estou aqui representando a Bahia, era algo lindo que já acontecia **na nação.**”
4. “**Nação**, nós temos evidência 2A.”
5. “**Nação**, nós viemos aqui hoje, nesse ato simbólico que eu digo que é profético, é possível mudar a história.”
6. “População, não tenham medo, povo brasileiro não tenha medo dessa medicação. Nós a defendemos num combo, cada um com sua lógica, cada um com o seu, com a sua, com o seu perfil de prescrição, nós não defendemos um pacotinho único para toda **a nação.**”
7. “Nós temos evidência 2A, nós temos resultados. Se cada colega aqui representado pudesse compartilhar com **a nação** o que eles vivem nos seus estados, vocês iam se surpreender, e provavelmente com muitas lágrimas.”
8. “Nós temos que nos preocupar, e é por isso que nós temos que nos unir e nós estamos neste momento clamando **à nação** para se unir.”
9. “[...] que nós possamos, juntos, mudar **essa nação.**”
10. “Eu queria encerrar a minha fala com um minuto de silêncio em respeito às 115 mil vidas perdidas **nessa nação.**”

Realizando uma busca pelo vocábulo *nação* no dicionário Michaelis, é possível encontrar alguns significados (que não equivalem necessariamente, deve-se ressaltar, aos sentidos possibilitados no interior de um discurso) para esse substantivo feminino:

1 Grupo social com autonomia política que ocupa um território definido e está ligado por tradições culturais e históricas, geralmente com uma língua comum, porém não necessariamente com a mesma etnia ou religião, tendo governo, Constituição nacional e leis compartilhadas; 2 O território onde vive esse agrupamento de pessoas; país. 3 O povo

que forma esse país; 4 O governo de uma nação. 5 O país natal de alguém; pátria; 6 Nacionalidade, naturalidade ou origem de alguém; 7 Comunidade de indivíduos que, embora dispersos em diferentes áreas geográficas ou políticas, partilham a mesma etnia e conservam os mesmos padrões culturais, os mesmos costumes e, às vezes, a mesma religião; 8 Grupo de pessoas ligadas por interesses comuns, especialmente por esportes. (MICHAELIS, 2021).

Embora um olhar mais rápido possa conceber tais diferenças como mínimas ou pouco pertinentes, analisar um discurso demanda observar como certas nuances podem ser explicadas a partir das restrições semânticas de dado posicionamento, vinculadas ao modo como as palavras emergem nos enunciados. Tendo em vista que os dicionários não se propõem a analisar como a palavra faz sentido em determinada situação concreta de uso, é preciso reservar a esses significados do dicionário o espaço do “valor estritamente semântico”, conforme denomina Maingueneau, e deslocar-se ao âmbito do valor que uma palavra adquire nos enunciados de dado posicionamento.

No pronunciamento da Dr.^a Raissa, pode-se, a princípio, supor que “nação”, seja compondo objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial ou vocativo, simplesmente tem como referente “Brasil”, e nisso residiria o “essencial” de sua significação. Mas isso seria reduzir a questão a um conteúdo decodificável e negligenciar o que efetivamente emerge no fio do discurso. Diz-se “nação”, preferencial e repetidamente, e os efeitos dessa insistência fazem parte da caracterização do posicionamento em questão. Em uma breve aproximação com os significados de dicionário acima mencionados, pode-se dizer que o termo “nação”, no pronunciamento, assumiria o sentido de comunidade de indivíduos com os mesmos padrões, orientações políticas e religiosas em comum, ligados por interesses afins etc., o que, da mesma forma, não seria suficiente para delimitar a especificidade do discurso.

Cabe explicar que a doutora utiliza o termo “nação” dirigindo-se às pessoas que, assim como ela, apoiam o tratamento precoce com a utilização de hidroxicloroquina. Ela também se dirige aos dez mil médicos que, segundo ela, comprovaram no dia a dia o uso dos medicamentos. Tal “nação” vai se desenhando em seu discurso, portanto, como uma comunidade (representada no discurso como bastante ampla, vide a ênfase no número de médicos e na totalidade dos estados federativos) que compartilha essa convicção de forma inabalável. Embora nem toda a sociedade brasileira tenha aderido ao tratamento precoce, a insistência na “nação” produz um efeito de unanimidade: o conjunto do povo brasileiro – e não um grupo específico – estaria reivindicando a oportunidade de tratar a doença precocemente e não estaria sendo atendido, devido a um suposto descaso em relação à “verdade”.

No pronunciamento, a “nação” transita entre uma perspectiva exclusiva e uma inclusiva na relação com a enunciativa e, por extensão, com os médicos ali representados. Ao ser empregada como vocativo – por exemplo, em “Nação, nós viemos aqui hoje [...]” – poder-se-ia interpretar a nação como um “tu”, instância que não abarcaria o “eu” que enuncia. No entanto, outras expressões, como “*compartilhar* com a nação” e “que *nós* possamos, *juntos*, mudar essa nação” [grifos nossos], contribuem para deslocar o objeto “nação” de um “tu” para um “nós” inclusivo. Desse modo, trata-se de uma forma de se referir ao público e, além disso, ao conjunto imaginariamente coeso que se forma na integração com os enunciadores “autorizados”. Entra-se na seara de outro plano da semântica global, também definido em Maingueneau (2008): o estatuto do enunciador e do destinatário.

Para Maingueneau (2008, p. 87), “[...] cada discurso define o estatuto que o enunciador deve se atribuir e o que deve atribuir a seu destinatário para legitimar seu dizer”. Analisando a “nação” à qual a Dr.^a Raissa Soares se refere, pode-se refletir sobre a forma como estão

representados no discurso esses sujeitos. Fala-se, sobretudo, a um público de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro, frequentemente autodenominados “cidadãos de bem”, “religiosos”, “defensores da pátria”. Sendo assim, a própria forma como a enunciadora constitui seu lugar adere a esse universo de sentido: ora se trata de atestar uma evidência, a partir da autoridade científica, ora se identifica o evento como um “ato profético”, ressaltando-se a repercussão do “vídeo abençoado” que possibilitou que a doutora estivesse ali. É preciso, portanto, que a enunciadora constitua para si um estatuto que não é o das práticas meramente “terrenas”, mas vinculado a uma convicção quase missionária; segundo ela, foi “humilhada” e “açoitada” por “ousar” salvar vidas. A partir desse lugar especial, “clama-se” à nação, verbo que pode remeter à esfera religiosa, às orações em voz alta realizadas, por exemplo, em procissões.

Na Bíblia, a palavra “nação” é empregada não meramente como um sinônimo de “povo”. Seus sentidos muitas vezes se associam a uma unidade que se torna sólida pela crença em Deus. No Livro de Salmos, capítulo 33, versículo 12, afirma-se: “Como é feliz a nação que tem o Senhor como Deus, o povo que Ele escolheu para Lhe pertencer”. Como consequência dessa extensão da “nação” ao estatuto de “nação abençoada” ou “nação santa”, é frequente o emprego de “nação” já pressupondo esses qualificadores, mesmo que não ditos.⁶ “Nação”, assim, transcende a uma delimitação territorial, política, para se consolidar como a unidade composta por aqueles que creem na Palavra, um povo “abençoado”, tal como o vídeo ao qual a doutora se refere.

Abordando o conceito de nação e o percurso histórico através do qual ele se desenvolveu, Márcia Fagundes Barbosa (2011) explica,

⁶ Edir Macedo, que é líder de uma das igrejas evangélicas mais difundidas no Brasil, tem, por exemplo, um vídeo intitulado “A união da nação”, em que se pode observar esse funcionamento. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=52_tx3ydBVE. Acesso em: 13 dez. 2021.

no artigo “Nação, um discurso simbólico da modernidade”, que a emergência inicial dos nacionalismos europeus na parte derradeira do século XVII é precedida por um funcionamento social no qual a religião ocupava um lugar central, garantidor de certa unidade: “As comunidades religiosas e o reino dinástico estabelecem seus laços referenciais pelos quais as comunidades eram imaginadas antes das nações modernas, através das línguas sagradas e de um sistema político único (a monarquia)” (BARBOSA, 2011, p. 204). Baseando-se em estudos de Eric Hobsbawm, a autora acrescenta que, antes de 1830 – momento a partir do qual há uma evolução dos movimentos nacionalistas –, “enquanto ainda não havia o ‘processo de desenraizamento’ dos povos europeus através dos fluxos migratórios, era a religião o fator determinante para o sentimento de solidariedade e de diferença entre as massas em geral” (BARBOSA, 2011, p. 205). Afirmar que a relação entre a religião e a unidade de um povo faz parte do percurso histórico da formação das nações não significa que, com as consolidações nacionais, a religião perderia seu espaço de destaque; pelo contrário, no discurso político, frequentemente o vínculo com os sistemas de crença hegemônicos em uma sociedade continua produzindo sentidos para a legitimação das figuras políticas que se propõem como representantes dos cidadãos.

Vale mencionar a diversidade de caminhos possíveis para a análise de questões associadas à recorrência lexical, como este texto tem realizado em relação à palavra “nação”. Há, por exemplo, pesquisas que empreendem uma interface entre a Análise Crítica do Discurso e a Linguística de Corpus, possibilitando análises quantitativas, bem como o mapeamento das repetições por meio de ferramentas computacionais. É o que a pesquisadora Rozane Rebechi (2018) realiza no artigo “O discurso dos deputados na votação do impeachment: a LC combinada à ACD”. Tendo como *corpus* as justificativas dos congressistas ao

declararem os votos no processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, a autora analisa a recorrência de uma tríade – “Deus”, “família” e “nação” –, conforme algumas reportagens da mídia pontuaram à época. Ainda que o trabalho de Rebechi (2018) inscreva-se em outra abordagem teórico-metodológica, é válido sublinhar, novamente, o fato de o discurso político entrelaçar-se regularmente com as crenças religiosas.

A relação entre política e religião é também bastante abordada por Paul Chilton (2004), na obra *Analysing political discourse*, a partir de uma perspectiva linguístico-cognitiva, interessada menos pelo contexto institucional de um tipo específico de interação política e mais por certas formas de representação política que se mantêm ao longo dos tempos, questionando o que elas têm a dizer sobre os humanos em geral. Analisando pronunciamentos de George W. Bush e Osama Bin Laden após os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, o linguista identifica o funcionamento de representações mentais opostas, mas também haveria “estranhas semelhanças e simetrias entre elas”⁷ (CHILTON, 2004, p. 173). O papel dos sistemas de crença religiosa, para o autor, seria uma das características que permitem abordar tais aproximações. Em relação ao pronunciamento de Bush, por exemplo, Chilton (2004, p. 192) afirma que “[...] há uma presunção contínua de que Deus pode ser justamente solicitado a dar proteção especial ‘à nação’, o eu coletivo”.⁸ A constituição espacial de “mundos apartados” – *worlds apart*, título de um dos capítulos da obra –, nos discursos de Bush e Bin Laden, ganha sustentação, dentre outros fatores, pela alegação de uma nação que mereceria ser protegida por Deus (ou melhor, pelo Deus em que se acredita no seio de cada religião).

⁷ Tradução nossa de “strange commonalities and symmetries between them”.

⁸ Tradução nossa de “there is a continuous presumption that God can rightly be asked to give special protection to ‘the nation’, the collective self”.

O professor e pesquisador português Luís Machado de Abreu (2013) contribui para a compreensão do vínculo histórico entre nação e religião, ao abordar o processo de formações nacionais, sobretudo, entre os séculos XIX e XX. Segundo ele,

[...] o movimento pelo qual se reforçava a sociabilidade interna e a vontade de diferenciação com o universo exterior recorreu intensamente à valorização religiosa dos vínculos unificadores da colectividade. É, por essa via, que a nação chega a revestir-se de alguns atributos habituais das religiões e a desencadear práticas rituais e simbólicas que vão muito para além da imitação exterior e analógica das liturgias religiosas, assumindo-se de facto a nação como entidade sacralizada e envolta em sentimentos e demonstrações de culto religioso. (ABREU, 2013, p. 84).

O autor se refere, inclusive, a uma “religiosidade nacionalista” (ABREU, 2013, p. 92), afirmando que ela se alimenta de apelos semelhantes aos que acontecem em práticas religiosas: o apelo à conversão – sentir-se pertencente a um povo, como se sente o fiel acolhido por sua religião – e o apelo de distanciamento “em relação a tudo o que, sendo estrangeiro, deve ser evitado como ímpio, perverso e ameaçador” (ABREU, 2013, p. 93). A afirmação da identidade da nação gera, por consequência, esse efeito de diferenciação, algo também constitutivo de discursos que, sobretudo no âmbito religioso, apregoam a ideia de “povo escolhido”.

Retornando ao objeto do presente estudo, trata-se de um discurso que também se alinha a dado “nacionalismo” pregado pelo presidente Jair Bolsonaro. Conforme Maingueneau (2008, p. 78), ao lado de “[...] restrições compartilhadas pelos diversos membros de um campo, há também o passado específico que cada discurso particular constrói para si, atribuindo-se certas filiações e recusando outras”. A campanha presidencial de Bolsonaro, em 2018, recorreu aos *slogans* “Nossa bandeira nunca será vermelha” e “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Seja negando seu Outro (a “esquerda”, supostamente a serviço

dos países comunistas, em detrimento da pátria), seja reforçando a associação entre Estado e Igreja, tais enunciados, mesmo que não recuperados explicitamente pela doutora, acabam constituindo certos sentidos que a palavra “nação” adquire no discurso em defesa do tratamento precoce.

O *ethos* discursivo e a instauração de cenografias

Conforme adiantado na introdução deste artigo, o modo de enunciação é um dos planos da semântica global proposta por Dominique Maingueneau (2008). A maneira de dizer específica, que constitui um “tom” legítimo ao discurso, possibilita a análise do que o autor teoriza como *ethos* discursivo. Nesta seção, articula-se o modo de enunciação não apenas à questão do *ethos*, mas também à constituição de determinadas cenografias no interior das quais funciona a imagem de enunciador.

Com a noção de *ethos* discursivo, compreende-se que todo texto engendra uma instância enunciativa que se configura como “fiadora” do que se diz, isto é, funcionando como uma espécie de agente legitimador do discurso. Esse fiador, conforme a teorização de Maingueneau (2016), é investido de uma corporalidade e de um caráter, construções de leitura que resultam na atribuição de traços físicos e psicológicos que caracterizariam o enunciador. Esses elementos constituintes do fiador, longe de remeterem simplesmente aos aspectos empíricos daquele que enuncia, apoiam-se sobre valores historicamente especificados, representações cristalizadas que já circulam na sociedade.

Em toda enunciação, independentemente do gênero de discurso ou da esfera de atividade social, há o funcionamento do *ethos*, tendo em vista que o modo de enunciação é parte constitutiva do discurso, possibilitando que ele seja validado. Para Maingueneau (2016, p. 70):

É insuficiente ver a instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso apenas como estatuto ou papel. Ela se manifesta também como uma “voz” e, além disso, como “corpo enunciante”, historicamente especificado e inscrito em uma situação, que sua enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente.

Ainda de acordo com a teorização do autor, deve-se destacar que o *ethos* é parte constitutiva do que Maingueneau (2015) denomina “cena de enunciação”. Essa noção integra três subcenas: cena englobante, cena genérica e cenografia. Antes, porém, de compreender como são constituídas tais cenas, é importante ressaltar que Maingueneau não define as cenas de enunciação como um conceito que seria sinônimo de gêneros do discurso, ou mesmo um substituto desse conceito já consolidado nos estudos discursivos. Por outro lado, integram-se algumas das discussões sobre a constituição dos gêneros em uma das cenas teorizadas, a cena genérica. A expressão cenas de enunciação, segundo Maingueneau (2015, p. 117), “teria a vantagem de poder referir ao mesmo tempo um quadro e um processo”, considerando-se que as especificidades de um discurso apoiam-se em restrições previamente dadas, mas também instauram-se progressivamente pela enunciação.

A cena englobante diz respeito ao que Maingueneau (2015) denomina como “tipo de discurso”, fruto de um recorte de determinada esfera de atividade social. A partir dessa delimitação, refere-se, por exemplo, a discurso literário, jornalístico, religioso etc. No caso do pronunciamento da Dr.^a Raissa Soares, trata-se da cena englobante política. Embora ela marque sua posição como médica, sua fala direciona-se não a pacientes, por exemplo, mas aos cidadãos brasileiros; além disso, a doutora aborda temas que seriam pertinentes à sociedade como um todo (o tratamento de uma doença pandêmica), argumentando em direção a uma questão que seria da ordem das políticas públicas (neste caso, voltadas à área de saúde). Ainda que a cena englobante não se resuma a um “espaço físico” no qual a

enunciação se desenvolve, não se pode desconsiderar o fato de a enunciativa discursar do Palácio do Planalto, a maior instância do Poder Executivo brasileiro.

Conforme se observa na citação a seguir, a cena englobante também pressupõe determinados valores para aqueles que enunciam:

Os produtores de discurso derivados de determinada cena englobante devem, por meio de sua enunciação, mostrar que se conformam aos valores prototipicamente relacionados ao locutor pertinente para o tipo de atividade verbal em pauta: assim, um político deve ser “um homem de convicções”, um funcionário, um homem “devotado” ao serviço público etc. (MAINGUENEAU, 2015, p. 119).

Vinculada a uma cena englobante, funciona uma rede de gêneros do discurso a partir dos quais os enunciados ganham materialidade. A cena genérica diz respeito às restrições que delimitam o gênero do discurso, caracterizado por Maingueneau (2015) a partir dos seguintes aspectos: uma ou mais finalidades, papéis para os parceiros, um lugar apropriado para o seu sucesso, um modo de inscrição na temporalidade, um suporte, uma composição e um uso específico dos recursos linguísticos.

Maingueneau (2015, p. 122), ao afirmar que “[...] as normas constitutivas da cena genérica podem não dar conta da singularidade de um texto”, introduz a terceira dentre as cenas de enunciação: a cenografia. A partir dessa noção, o teórico busca trabalhar as singularidades que constituem determinada enunciação, considerando-se o modo como a fala é nela encenada.

Segundo Maingueneau (2015, p. 123),

A noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende, de fato, suscitar a adesão dos destinatários instaurando a cenografia que o legitima. Esta é imposta logo de início, mas deve ser legitimada por meio da própria enunciação. Não é simplesmente um cenário; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia

da qual a fala vem é precisamente a cenografia requerida para enunciar como convém num ou noutra gênero de discurso.

Se a cena englobante e a cena genérica constituem o “quadro cênico” de um texto, isto é, a base relativamente mais estável a partir da qual a enunciação se desenvolve, a cenografia, nas especificidades de como é instaurada, atua na legitimação do discurso, na medida em que dialoga com cenas de fala que podem ser representadas de forma positiva em dado posicionamento. No caso do discurso da Dr.^a Raissa Soares, pode-se dizer que a cena genérica associa-se ao pronunciamento: nesse gênero, o enunciador, em uma posição de autoridade (muitas vezes, investido de um cargo), comunica, em uma situação geralmente solene, informações que são consideradas como relevantes para um grupo de pessoas (o povo de um país, por exemplo, no caso de um pronunciamento presidencial); frequentemente, espera-se que as informações sejam, no pronunciamento, enunciadas de uma forma objetiva, precisa e clara; a recorrência a um tom mais subjetivo, “emocional”, ocorre mais raramente (em pronunciamentos após tragédias, por exemplo), mas não se trata de uma restrição necessária vinculada a esse gênero.

Pode-se trabalhar a hipótese de que a fala da Dr.^a Raissa, ainda que identificada ao gênero pronunciamento, conforme exposto acima, recorre a determinados elementos que contribuem para a instauração de uma cenografia que simula, ao menos em parte, a de cenas de fala “importadas” de outros gêneros – “cenografias exógenas”, conforme a denominação de Maingueneau (2015) – e isso atua na validação de seu discurso. Aliado a isso, vale destacar que o discurso político, lidando constantemente com a necessidade de adesão (e de manutenção da adesão) aos valores vinculados a um posicionamento, é um objeto propício, conforme Maingueneau (2011), a uma considerável diversidade de cenografias.

Nesse sentido, pode-se destacar a proximidade do pronunciamento da Dr.^a Raissa com as cenas genéricas do sermão e do testemunho, ambas apreendidas no âmbito de uma cena englobante religiosa. Isso não significa que a fala da doutora seria “enquadrada” ou “redesignada” como discurso religioso, e sim que as especificidades da cenografia ali instaurada encenam determinada forma de se mostrar diante do enunciatário, o que tem efeitos, inclusive, sobre o *ethos* do enunciador. O “clamor à nação”, com um tom profético, considerado na seção anterior deste artigo, também ilustra esse movimento, em que a cenografia apoia-se em representações valorizadas suscitadas na enunciação.

O sermão, conforme definição de Rocha e Santos (2018, p. 1),

[...] é um gênero de cunho religioso, que tem como objetivo persuadir os ouvintes a respeito de uma determinada ideologia, por meio do discurso de autoridade ancorado em livros sagrados ou em dogmas religiosos e da oratória do religioso que o profere. Diante disso, o sermão, nato da oratória, formaliza-se como um discurso dirigido a um auditório sobre um determinado tema, previamente elaborado, visando à persuasão dos ouvintes. Os gêneros retóricos estão classificados em judiciário, deliberativo e epidítico. No que diz respeito à classificação do gênero sermão, este está inserido no gênero epidítico, pois visa censurar, aconselhar.

Considerando o sermão religioso, uma de suas principais caracterizações, quanto ao modo de enunciação, reside na mescla entre o ensinar (afinal, o orador deve mostrar-se munido de conhecimentos sobre a Palavra) e o aconselhar (tais conhecimentos devem ter uma função prática, a ser suscitada pelo orador ao auditório).

No Dicionário de Gêneros Textuais, Costa (2014) define o sermão como um dos sinônimos de “discurso”, em uma acepção bem ampla. O verbete traz a seguinte definição:

DISCURSO (v. HOMILIA, ORAÇÃO, PRÁTICA, PRÉDICA, SERMÃO): mensagem oral, geralmente solene e prolongada (peça oratória), que um orador profere perante um público. Entre outros, podem-se citar:

discurso de posse, de despedida, de formatura. Geralmente expositivo argumentativo, formulado num encadeamento lógico e ordenado, pode expressar formalmente a maneira de pensar e de agir e/ou as circunstâncias identificadas ou não com um certo assunto, meio ou grupo a quem o orador se dirige. (COSTA, 2014, p. 105).

Pensando nas especificidades do gênero sermão e relacionando-as com a fala da Dr.^a Raissa Soares no evento, pode-se retomar o emprego de “nação” como vocativo, construção esta que não se traduz simplesmente como “falar ao povo brasileiro”; ao se referir à nação, atesta-se, conforme já comentado, uma relação de identificação que vai além de estar em um mesmo território nacional, configurando-se uma unidade em que seus membros ligar-se-iam por convicções inabaláveis (como se supõe que sejam, ou que devam ser, as crenças religiosas). No decorrer do pronunciamento, transita-se, assim como em um sermão, entre o ensinar – no caso, a partir de conhecimentos supostamente científicos, quando a doutora evoca sua posição de médica –, e o aconselhar o auditório a aderir ao tratamento precoce. Além disso, a enunciadora não se mostra como alguém que compartilhe conhecimentos de maneira distanciada, e sim transparecendo um lado sentimental, humanizado, como em “foi um óbito que me fez cair lágrimas”. Assim ocorre com aquele que realiza um sermão: não se trata de alguém que apenas conhece bem uma doutrina, mas de alguém que, além de conhecê-la, envolve-se integralmente com as convicções que ela pressupõe.

Em outros momentos do pronunciamento, é possível afirmar que a cenografia se aproxima de um testemunho, gênero da esfera religiosa em que o fiel compartilha suas experiências, geralmente, como uma prova da presença (ou da falta, em algum momento de sua vida) de Deus. Essa aproximação ocorre, por exemplo, quando a enunciadora conta a história de um paciente que faleceu de Covid-19, mas também quando ela dá seu próprio testemunho de como chegou até o evento,

toda a sua trajetória (de “açóites” e “humilhação” por defender aquilo em que acredita):

Pessoal, a mim foi atribuída a função de dizer algo que sai daqui de dentro para dizer para vocês, para dizer para a nação.

Eu reconheço aqui e falo por cada um que gostaria de compartilhar com a nação, com as nossas autoridades o que nós vivemos há quase seis meses, com risco de contaminar as nossas famílias, com risco da nossa própria vida.

Eu vejo meu paciente cinco vezes. Eu já tive o privilégio, infelizmente, de tratar mais de mil casos em Porto Seguro, infelizmente eu tive um óbito de tratamento precoce, com lágrimas, com lágrimas, foi um óbito que me fez cair lágrimas, porque a doença é grave.

Os trechos acima são bastante significativos quanto à hipótese da cenografia de testemunho. Em primeiro lugar, pode-se apontar a constituição da imagem de si como a “escolhida” para representar um grupo de médicos. Seu depoimento é, ao mesmo tempo, individual e coletivo, assim como o testemunho de um fiel, na medida em que suas dores, felicidades, aflições são sempre passíveis de serem também as de outros fiéis. Nessa perspectiva, a ênfase no “compartilhar com a nação” concretiza, de certo modo, o ideal de uma unidade possibilitada pela firmeza de convicções. A transição entre o “eu” e o “nós”, no segundo trecho citado, corrobora a confluência entre individual e coletivo que caracteriza a cena de fala do testemunho.

A aproximação com as cenas de fala do sermão e do testemunho, conforme dito anteriormente, não descaracteriza o funcionamento de uma cena englobante política e, nela, emerge também uma enunciação que se propõe como científica, sobretudo quando a doutora se refere às “evidências 2A”, afirmando, logo após, o que esse tipo de evidência possibilitaria na prática: “Para os técnicos que estão nos escutando, vocês sabem que isso é uma evidência que nos sustenta para tratar com total propriedade, com total convicção do que que a gente faz”. É válido notar que dizer que os “técnicos sabem”, em vez de explicitar

a sustentação em questão para os leigos, é uma forma de legitimar a fala que seria científica, como algo que não é acessível a todos, apenas aos “especialistas” (e bastaria acreditar neles).

Se, por um lado, expressões como “eu apelo”, “gesto de desespero”, “nomes que eu não consigo dizer”, “vídeo abençoado”, “algo lindo”, “ato simbólico que eu digo que é profético”, “me fez cair lágrimas” contribuem para a encenação da enunciação como advinda da esfera religiosa, por outro, “resultados”, “propriedade”, “técnicos” e “evidência” aproximam o pronunciamento da doutora de uma cenografia científica, em que a fala estaria investida de um outro tipo de autoridade, vinculado a uma formação acadêmica. É um outro tipo de autoridade porque se considera que o tom mais “emocional” também confere ao enunciador certa autoridade: tratar-se-ia daquele que se envolve “de corpo e alma” no problema. Em ambos os casos, a enunciação não deixa de se apoiar em certas representações valorizadas.

O repertório das cenas disponíveis varia em função do grupo visado pelo discurso: uma comunidade de fortes convicções (uma seita religiosa, uma escola filosófica etc.) possui sua memória própria; mas, de modo geral, podemos associar a qualquer público, por vasto e heterogêneo que seja, uma certa quantidade de *cenas* supostamente compartilhadas. Se falarmos de uma *cena validada* e não de *cenografia validada* é porque a *cena validada* não se caracteriza propriamente como discurso, mas como um estereótipo autonomizado, descontextualizado, disponível para reinvestimentos em outros textos. Ela se fixa facilmente em representações arquetípicas popularizadas pelas mídias. (MAINGUENEAU, 2011, p. 92).

O colar em ouro contendo a palavra “gratidão”, portado pela doutora, sintetiza (ou supõe consolidar, na corporalidade do fiador) a imagem da médica que se importa com as vidas, que se envolve com as dores e perdas. Ao mesmo tempo em que se fala como “representante da classe médica”, expressa-se de forma emocionada em defesa do uso da hidroxicloroquina para o tratamento precoce contra a Covid-19, o que desloca para o primeiro plano a imagem de que se trata, antes

de tudo, de uma cidadã, parte da “nação”, preocupada com as vidas sendo perdidas.

Considerações finais

Neste artigo, buscou-se compreender a cena de enunciação do pronunciamento da Dr.^a Raissa Soares no *Encontro Brasil Vencendo a Covid-19*, tendo como ponto de partida a noção de semântica global proposta por Dominique Maingueneau (2008) em *Gênese dos discursos*. Assumindo que os sentidos produzidos na enunciação vinculam-se aos posicionamentos nos quais os sujeitos se inscrevem, é possível, em dado *corpus*, analisar as restrições semânticas de um posicionamento por meio de diversos planos e, dentre eles, estão o vocabulário e o modo de enunciação, selecionados como foco neste trabalho.

Na primeira seção de análise, explorou-se, principalmente, o modo como a palavra “nação” produz sentidos no pronunciamento em questão. Além de remeter à religiosidade, algo que se repete em outros aspectos do discurso analisado, provoca-se um efeito de unanimidade, de uma comunidade que se une corajosamente a partir de convicções tão genuínas que seus representantes teriam sido “açoitados”, “humilhados” para chegarem até o evento solene.

Já na segunda seção de análise, partiu-se, fundamentalmente, do plano “modo de enunciação” para que articulações fossem realizadas com a noção de *ethos* discursivo, considerando a produção de uma imagem que soe legítima ao enunciador. A discussão sobre as cenas de enunciação, embora tenha sido desenvolvida posteriormente à obra *Gênese dos discursos*, foi integrada ao propósito da seção, na medida em que o modo de enunciação pode ser relacionado, também, às restrições às quais está sujeita a cena instaurada em um discurso, sejam elas no âmbito relativamente mais estável do quadro

cênico (cena englobante e cena genérica), sejam elas concernentes à variabilidade de cenografias nas quais se pode investir na enunciação. No pronunciamento da doutora, analisou-se o modo como a cenografia nele instaurada transita entre uma exposição que se apresenta como científica e uma fala que encena as características de outros gêneros, como o testemunho e o sermão, “importados” de uma cena englobante religiosa. Esse funcionamento, longe de se pautar em uma escolha estilística aleatória, demonstra como os discursos, para adquirirem legitimidade, apoiam-se em representações supostamente valorizadas em dada conjuntura sócio-histórica e em dados posicionamentos.

Referências

ABREU, Luís Machado de. A nação como religião. *Lusophone Journal of Cultural Studies*, v. 1, n. 1, p. 76-88, 2013.

BARBOSA, Márcia Fagundes. Nação, um discurso simbólico da modernidade. *Revista Crítica Cultural*, Palhoça-SC, v. 6, n. 1, p. 203-216, 2011.

BÍBLIA SAGRADA NVI. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/129/PSA.33.12.NVI>. Acesso em: 14 dez. 2021.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

CHILTON, Paul. *Analysing Political Discourse: theory and practice*. New York: Routledge, 2004.

FERREIRA, Leonardo; ANDRICOPULO, Adriano. Medicamentos e tratamentos para a Covid-19. *Estudos Avançados*. Dossiê Impactos da Pandemia. v. 34, n. 100, p. 7-27, 2020.

FURLAN, Leonardo; CARAMELLI, Bruno. The regrettable story of “Covid kit” and “Early treatment for Covid-19” in Brazil. *The Lancet Regional Health*. v. 4, 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e Análise do Discurso*. Trad. S. Possenti. São Paulo Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz; Fabiana Komesu; Sírio Possenti. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 69-92.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

SOARES, Raissa Azevedo de Melo. *10 Mil Médicos – Brasil Vencendo a Covid 19* – Dra. Raissa Oliveira Azevedo de Melo Soares. Canal TV Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NSVJ8BzkiTU>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MICHAELIS. *Nação*. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=YkLK1>>. Acesso em: 21 set. 2021.

POSSENTI, Sírio. Apresentação. In: MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

REBECHI, Rozane Rodrigues. O discurso dos deputados na votação do impeachment: a LC combinada à ACD. In: FINATTO, Maria José; REBECHI, Rozane; SARMENTO, Simone; BOCORNY, Ana Eliza (orgs.). *Linguística de corpus: perspectivas*. Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, 2018, p. 41-67.

ROCHA, Max Silva da; SANTOS, Maria Francisca Oliveira. Análise retórica do gênero discursivo sermão oral. *Polifonia*, Cuiabá-MT, v. 25, n. 37, p. 88-106, 2018.

Recebido em: 15/12/2021
Aprovado em: 02/03/2022

Anexo

Transcrição do pronunciamento da Dra. Raissa Oliveira Azevedo de Melo Soares no Encontro “Brasil Vencendo a Covid-19” (24 de agosto de 2020): 00:28:50 a 00:35:34 do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NSVJ8BzkiTU>.

Bom dia a todos! Cumprimento o Presidente Jair Bolsonaro, as autoridades, meus nobres colegas. Pessoal, a mim foi atribuída a função de dizer algo que sai daqui de dentro, pra dizer pra vocês, pra dizer para a nação. Aqui estão representados médicos dos 27 estados, nós não representamos os nossos colegas na grande massa, mas nós representamos os médicos que optaram pela ousadia, nós representamos os médicos que, independente das evidências lá de abril, ousaram ter lucidez, ousaram aplicar algo que lá no início, lá no início em abril era uma tentativa. E nós fomos açoitados, ridicularizados, nós fomos humilhados, eu fui demitida. Quando eu apelo num gesto de desespero ao presidente, porque a gente estava batalhando com o protocolo, a gente estava batalhando com os médicos, mas a gente não conseguia a medicação, a hidroxicloroquina tinha sido recolhida, sumida. E nós ousamos cuidar de vidas. Me perguntaram por que que eu mantinha, sendo tão açoitada, sendo tão humilhada, lá em Porto Seguro, com meus colegas me tratando com nomes que eu não, eu não consigo dizer. Eu falo assim: o meu propósito continua o mesmo, desde o início, nós precisamos salvar as pessoas. A verdade é uma só. Eu conto a verdade várias vezes, eu conto a mesma verdade várias vezes. Se eu minto, tenho dez versões, eu tenho dez mentiras, e nós estamos num momento histórico nobre. Eu reconheço aqui e falo por cada um que gostaria de compartilhar com a nação, com as nossas autoridades o que que nós vivemos há quase seis meses, com risco de contaminar as nossas famílias, com risco da nossa própria vida. Mas nós enfrentamos, porque o nosso propósito não mudou, desde o início quem está aqui sentiu, quão e qual é a luta. Quando eu comecei,

lá atrás, em abril, eu nem sabia desse movimento, quando uma colega, Ruth Costa, me liga porque foi pós vídeo, ô vídeo abençoado, Presidente! [saudação a Bolsonaro]. Eu me fiz enxergar naquele vídeo sem nenhuma intenção, mas eu descobri que esse movimento que hoje eu estou aqui representando a Bahia, era algo lindo que já acontecia na nação. E nós somos hoje mais de dez mil médicos, ousados, que ousam pela verdade, que ousam pela vida. E nós não nos bastamos com, com evidências. Hoje sim! Nação, nós temos evidência 2A. Para os técnicos que estão nos escutando, vocês sabem que isso é uma evidência que nos sustenta para tratar com total propriedade, com total convicção do que que a gente faz. Então o nosso discurso antigo ou o discurso de alguns colegas que falavam “isso não existe”. Nação, nós viemos aqui hoje, nesse ato simbólico que eu digo que é profético, é possível mudar a história. Nós já temos evidência 2A, nós podemos e devemos medicar. Pacientes, população: vocês não precisam mais desesperar com o vírus, vocês não precisam morrer de medo desse vírus. Sim, o vírus, não brinquem com ele, eu não estou dizendo aqui que o vírus não mata, eu estou dizendo aqui que nós temos a chance de aplicar algo que está embasado em ciência, que está embasado com mentes brilhantes que estão aqui representadas, com pessoas que se dedicaram a estudar e que comprovaram que até o que foi publicado em grandes revistas científicas que perderam credibilidade diante do nosso meio. Essas revistas, quando você vai analisar o conteúdo desses trabalhos, você vê com lindeza, mas é como uma, é com uma, com uma clareza que no tratamento precoce, sim, a nossa linda e velha hidroxicloroquina, que eu posso dizer daqui dez vezes, sem nenhum receio, ela sim consegue reduzir danos da covid-19. Ela consegue reduzir, tenham a certeza. População, não tenham medo, povo brasileiro, não tenha medo dessa medicação. Nós a defendemos num combo, cada um com sua lógica, cada um com o seu, com a sua...

com o seu perfil de prescrição, nós não defendemos um pacotinho único para toda a nação. Não. Nós defendemos um cuidado médico que é ousado, com lucidez, com análise, com clínica, com escutar, com acompanhar, com o ver de novo. Eu vejo meu paciente cinco vezes. Eu já tive o privilégio, infelizmente, de tratar mais de mil casos em Porto Seguro, infelizmente eu tive um óbito de tratamento precoce, com lágrimas, com lágrimas, foi um óbito que me fez cair lágrimas, porque a doença é grave. Nós não estamos aqui banalizando a Covid-19. Nós não estamos aqui dizendo para a população, vendendo um sonho de que essa doença, “ah essa doença, não se preocupe”, sim. Nós temos que nos preocupar, e é por isso que nós temos que nos unir e nós estamos neste momento clamando a nação para se unir. Nós temos evidência 2A, nós temos resultados. Se cada colega aqui representado pudesse compartilhar com a nação o que eles vivem nos seus estados, vocês iam se surpreender, e provavelmente com muitas lágrimas. Porque nós não estamos aqui em festa, isso aqui não é uma festa, isso aqui é um manifesto voluntário, independente de profissionais que se dispuseram estar aqui, pedindo uma voz, pedindo que a lucidez venha à tona e que nós possamos juntos mudar essa nação. Eu queria encerrar a minha fala com um minuto de silêncio em respeito às 115 mil vidas perdidas nessa nação, às vidas e famílias que não tiveram os seus familiares em casa, e eu fico muito triste, assim como eu sei que com esses quase cem colegas, que muitos não tiveram a oportunidade de tentar vencer o vírus. Que façamos esse minuto de silêncio.